

ENTRELAÇANDO PALAVRAS E VIVÊNCIAS: UMA ANÁLISE DE VIA ÁPIA DE GEOVANI MARTINS

PALABRAS ENTRELAZADAS Y EXPERIENCIAS: UN ANÁLISIS DE LA VÍA APIA POR GEOVANI MARTINS

INTERTWINING WORDS AND EXPERIENCES: AN ANALYSIS OF VIA ÁPIA BY GEOVANI MARTINS

DOI 10.5281/zenodo.15277794

Ana Paula da Silva Menezes¹
Luiza Santana Chaves²

RESUMO: A literatura é um objeto de estudo muito rico e vivo. A literatura, o modo de escrever e as histórias que nessa escrita são contadas são frutos das mudanças sociais que ocorreram pouco a pouco dentro da sociedade. Assim, a literatura vai ganhando novas nuances, novas vozes, novos territórios e novas vivências para compartilhar e ampliar olhares e vozes marginalizadas e silenciadas pela sociedade. Este estudo parte de uma metodologia qualitativa amparada em pesquisa bibliográfica e descritiva para analisar a obra *Via Ápia* (2022), do escritor Geovani Martins, a fim de explorá-la sob a ótica da escrevivência, de Conceição Evaristo. Neste sentido, objetivo geral deste artigo é analisar a obra *Via Ápia*, sob a perspectiva da escrevivência, termo cunhado por Conceição Evaristo, uma vez que sua escrita é permeada constantemente por suas vivências e pela realidade que assola seu entorno e de seus companheiros de jornada. E como objetivos específicos se tem: a) Situar a obra de Geovani Martins dentro da perspectiva da escrevivência, tendo em vista o fio condutor racializado e marginalizado do escritor e da narrativa. b) Investigar como o livro retrata o cotidiano dos moradores da comunidade marginalizada, abordando as questões sociais, políticas e econômicas retratadas na obra, bem como a representação das identidades culturais e das experiências de vida dessas comunidades.

Palavras-chave: ESCRIVIVÊNCIA; VIA ÁPIA; LITERATURA MARGINAL.

RESUMEN: La literatura es un objeto de estudio muy rico y vivo. La literatura, la forma de escribir y las historias que se cuentan en este escrito son el resultado de cambios sociales que se dieron poco a poco dentro de la sociedad. Así, la literatura gana nuevos matices, nuevas voces, nuevos territorios y nuevas experiencias para compartir y ampliar perspectivas y voces marginadas y silenciadas por la sociedad. Este estudio se basa en una metodología cualitativa apoyada en una investigación bibliográfica y descriptiva para analizar la obra *Via Ápia* (2022), del escritor Geovani Martins, con el fin de explorarla desde la perspectiva de la escritura de Conceição Evaristo. En este sentido, el objetivo general de este artículo es analizar la obra *Via Ápia* desde la perspectiva de la escritura, término acuñado por Conceição Evaristo, ya que su escritura está constantemente permeada por sus vivencias y la realidad que azota su entorno y el de sus compañeros de viaje. Y como objetivos específicos tenemos a) Situar la obra de Geovani Martins dentro de la perspectiva de la escritura, teniendo en cuenta el hilo conductor racializado y marginado del escritor y de la narrativa. b) Investigar cómo el libro retrata la vida cotidiana de los residentes de la comunidad marginada, abordando las cuestiones sociales, políticas y económicas abordadas en la obra, así como la representación de las identidades culturales y experiencias de vida de estas comunidades.

PALABRAS CLAVE: ESCRIBIENDO; VÍA APIA; LITERATURA MARGINAL

¹ Mestranda em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), E-mail: ana.menezes@ufrgs.br

² Doutora em Letras, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e-mail: luizasch@ufmg.br

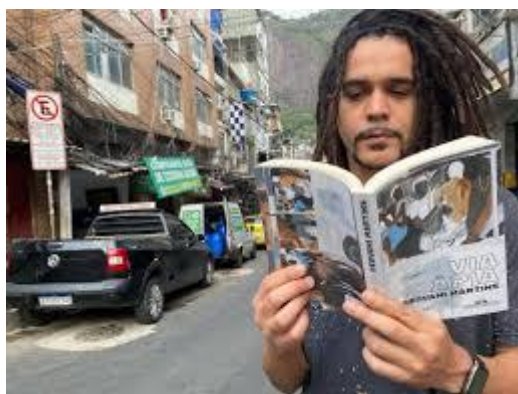
ABSTRACT: Literature is a very rich and lively object of study. Literature, the way of writing, and the stories that are told in this writing are the result of social changes that have gradually occurred within society. Thus, literature is gaining new nuances, new voices, new territories, and new experiences to share and to expand perspectives and voices that have been marginalized and silenced by society. This study uses a qualitative methodology supported by bibliographic and descriptive research to analyze the work *Via Ápia* (2022), by the writer Geovani Martins, in order to explore it from the perspective of Conceição Evaristo's writing. In this sense, the general objective is to analyze the work *Via Ápia*, from the perspective of *escrevivência*, a term coined by Conceição Evaristo since her writing is constantly permeated by her experiences and the reality that plagues her surroundings and those of her fellow travelers. And the specific objectives are: a) To situate Geovani Martins' work within the perspective of writing, taking into account the racialized and marginalized thread of the writer and the narrative. b) To investigate how the book portrays the daily lives of residents of the marginalized community, addressing the social, political and economic issues addressed in the work, as well as the representation of the cultural identities and life experiences of these communities.

KEYWORDS: WRITING; APPIAN WAY; MARGINAL LITERATURE.

Introdução

Geovani Martins é um dos jovens nomes da literatura brasileira. Estudou somente até a oitava série do ensino fundamental e sempre trabalhou em subempregos como homem-placa, panfleteiro, ajudante de lanchonete e outros, como muitos de seus personagens. Além disso, o diálogo entre o autor e seus personagens vai para além da profissão; Martins nasceu no Bangu, Rio de Janeiro, e habitou diferentes favelas do estado, inclusive a Rocinha, local em que se passa seu primeiro romance, *Via Ápia*.

Legenda: Martins, dentro da Rocinha, com seu 1º romance



Fonte: <https://l1nq.com/BgAPo>

A *Via Ápia*, nome que denomina a obra de Geovani Martins, é também o nome de uma das principais e mais vivas ruas da favela da Rocinha. E, a partir dessa rua, veremos, pouco a pouco, a comunidade da maior favela do Rio de Janeiro perdendo a vida e a alegria após a implantação da Unidade de Polícia Pacificadora.

A favela da Rocinha frequentemente ocupa espaços nas mídias informativas com notícias diversas: violência³, ausências de água, de luz⁴, de saneamento, a presença de tiroteios e de outros problemas que assolam esse território⁵. Entretanto, a visibilidade dada a ela vem acompanhada de registros de especialistas, estudiosos e outros profissionais, mas, pouco espaço é dado para seus moradores na construção de sua narrativa. Assim, estamos habituados a ver a Rocinha pelos olhos daqueles que a tentam expurgar há muitos anos, reforçando o estigma de marginalização, violência e prejuízo que sua existência produz para a cidade do Rio de Janeiro.

Logo, o olhar de Martins para a comunidade, esse olhar de dentro para fora, é uma oportunidade de vislumbrar este território como ele é, pelos olhos de seus moradores, com todos os espaços de produção de saber, de cultura e bens culturais e materiais, reformulando as narrativas existentes por histórias que legitimem e valorizem a existência desse espaço de agenciamento e pertença. Deste modo, a narrativa de Geovani Martins “ilustra o ato de escrita como um ato de tornar-se [...] Essa passagem de objeto a sujeito é o que marca a escrita como um ato político” (Kilomba, 2019, p.28).

A história da Rocinha começa por volta de 1920, com a iniciativa da Companhia Castro Guidão de vender loteamentos rurais localizados próximos a Estrada da Gávea para os trabalhadores de fábricas de tecelagem, que vinham de longe para trabalhar naquela região⁶. A região da estrada da Gávea era distante da cidade e da urbanização, e a partir a expansão dos limites da cidade promovidos pela ampliação das linhas de bondes que

³ Operação da pm na Rocinha deixa jovem ferido e fecha 7 escolas. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/06/operacao-da-pm-na-rocinha-no-rio-deixa-jovem-ferido-e-fecha-7-escolas.shtml>. Acesso em: 24/06/2024

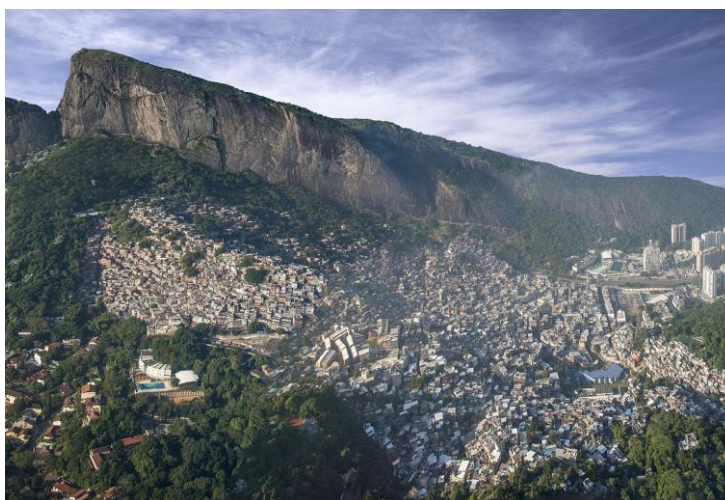
⁴ Sem luz, maior favela do Rio sofre com onda de calor. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/11/sem-luz-maior-favela-do-rio-sofre-com-onda-de-calor.shtml>. Acesso em: 24/06/2024

⁵ Morar em favela do Rio é agravante em condenação por tráfico de drogas. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/04/morar-em-favela-do-rio-e-agravante-em-condenacao-por-trafico-de-drogas.shtml>. Acesso em: 24/06/2024

⁶ Costa, Mariana Barbosa Carvalho da. A Rocinha em construção: a história social de uma favela na primeira metade do século XX [recurso eletrônico] / Mariana Barbosa Carvalho da Costa – 1.ed. - Curitiba: Editorial Casa, 2022.

chegavam à zona sul da antiga capital, “a fazenda da Rocinha loteada pela Companhia Castro Guidão começava a se afirmar como um conjunto de habitações específicas no início da década de 1930, se constituindo assim em um território reconhecido na cartografia da cidade” (Castro, 2019, p.79). Desse modo, a Companhia ambicionava vender os pequenos lotes para os trabalhadores daquela região, com anúncios que evidenciaram que os pagamentos poderiam ser realizados a prazos longos, com valores baixos, buscando, então, alcançar um público bem específico para aquela localização: pobres, trabalhadores que se colocariam em espaços apartados do centro da cidade em busca de trabalho e um pedaço de terra.

Legenda: Foto panorâmica da Rocinha



Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Rocinha>

Com o passar do tempo e seu contínuo crescimento, a favela passou por constantes ameaças de remoção de moradores⁷ para a construção de avenidas como a Autoestrada Lagoa-Barra, que liga o bairro da Gávea e a Barra da Tijuca, e/ou novos empreendimentos das classes dominantes neste espaço tão privilegiado de frente para o mar. Assim, o território da comunidade da Rocinha localiza-se em um espaço de disputa de poder do Estado, das elites cariocas e os moradores periféricos da favela, desvelando-nos as razões para a constante propagação de estigmas e concepções de marginalidade de violência para esse público e salientando a necessidade de relatos como o de Martins e de moradores que conhecem, pertencem e desejam a regularização de seus lares e recursos básicos para uma vida de qualidade e com respeito.

⁷ <https://rioonwatch.org.br/?p=44853>. Acesso em: 24/06/2024

No início dos anos 70, a construção da Autoestrada Lagoa-Barra levou à derrubada de casas na parte baixa do morro. Em 1971, moradores do Laboriaux, na parte alta da favela, foram retirados de suas casas e levados para Oswaldo Cruz, no subúrbio da Zona Norte. Em 1984, quando foi construída a Cidade de Deus, um bairro planejado na Zona Oeste do Rio de Janeiro, a Rocinha já era apontada como a segunda maior favela da cidade (havia saltado de 4.513 habitantes para 14.793, entre 1950 e 1960), e parte de seus moradores foi removida então para o novo bairro, a 22 quilômetros de distância. (Cruz, 2021, p.32)

Apesar desses conflitos e confrontos com os moradores da comunidade, a Rocinha segue crescendo, conforme demonstra o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE)⁸. A Rocinha possui a maior densidade populacional do país, isto é, são 48,3 mil pessoas a cada km², totalizando 72.154 pessoas na região⁹. Outrossim, o último censo alterou a nomenclatura de denominação das comunidades periféricas que, anteriormente, desde 1991, eram denominados pelo Instituto por “Aglomerados Subnormais”, tornando-se agora “Favelas e Comunidades Urbanas”¹⁰.

Neste contexto, a narrativa de Geovani Martins reconstrói esse universo da periferia do Rio de Janeiro pela perspectiva de moradores desses espaços, utilizando-se de suas experiências e das experiências das histórias ouvidas, das conversas e das constantes mudanças de um morro para o outro. Assim, a história da Rocinha precisa ser contada e recontada para dar visibilidade aos moradores, para as suas necessidades, para o desejo constante de regulamentação de suas casas e de seu território e para que possam viver em paz. Neste sentido, a narrativa de Martins busca transformar esta história e recontar sua construção dentro da narrativa, por meio de seus personagens e pelo prazer de viver aquele espaço e fazer parte de cada memória presente em cada beco da favela.

Deste modo, a escrevivência do autor, presente em suas narrativas e em sua trajetória, torna-se “um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais

⁸ Favelas e comunidades urbanas - IBGE. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102062.pdf>. Acesso em: 09/05/2024.

⁹ Via Ápia - Geovani Martins – Canal Provoca, disponível em: [Geovani Martins | Provoca | 20/06/2023](#). Acesso em: 20/06/2023.

¹⁰ SILVEIRA. Jacira Cabral. Periferia como demarcação social. Porto Alegre: Jornal da Universidade. 06 de agosto de 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/periferia-como-demarcacaoexistencial/>. Acesso em: 01/04/2024.

tornando-se a/o escritora/escritor “validado/o” e “legitimado/o”, ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada” (Kilomba, 2019, p.128)

No que concerne ao autor, Geovani Martins participou algumas vezes das oficinas da Festa Literária das Periferias (FLUP). A FLUP é uma festa literária do Rio de Janeiro que tem como principal característica a ocorrência em territórios marginalizados dos vieses literários, isto é, espaços em que feiras literárias e os olhares para a escrita não se direcionam. Desta maneira, muitos autores são “descobertos” ou, finalmente, vistos pela cena literária, colocando suas escritas e suas histórias como emergentes na literatura contemporânea. E, é por meio de sua participação em edições da Festa Literária do Rio de Janeiro e publicações de seus contos na revista Setor X, que Martins publica seu primeiro livro de contos, *O sol na cabeça* (2018), pela Companhia da Letras.

Neste sentido, estar dentro do universo literário e circulando em diferentes periferias, percebendo-as como produtoras e como consumidoras de conteúdos diversos, como epicentros de histórias, saberes e conhecimentos a serem explorados e reconhecidos, fez com que Martins percebesse a favela como um grande centro.

A favela hoje é centro, gira em torno de si, produz cultura e movimenta a economia. O favelado cria e consome como qualquer outra pessoa do planeta. E quando digo consome, não me refiro apenas a Nike, Adidas, Kenner, Honda, Black Label, Red Bull, Samsung, Sony, Microsoft. Falo também da cultura pop que faz a cabeça dos jovens do mundo todo, os filmes e as séries de sucesso mundial que bombam nas telas das smart tvs de meus amigos. Shakespeare, Frida Kahlo e Machado de Assis também encontram seus públicos por becos e vielas. (Época¹¹, 2018, s/p).

Ademais, é possível constatar que dentro da obra de Martins há grande influência de sua vida, tanto na criação de seus personagens quanto nos assuntos que permeiam a narrativa, isto é, a implantação da famigerada UPP e como essa invasão afetou a vida de moradores de comunidades, como Geovani Martins. Isto, pois, suas narrativas utilizam do combustível que o sujeito periférico se apossa todos os dias para continuar lutando pela sobrevivência: o desespero.

O medo do amanhã, da imprevisibilidade da vida, da falta de oportunidade e da constante necessidade de seguir tentando todos os dias são os combustíveis do autor, conforme

¹¹Disponível em: <https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2018/03/geovani-martins-como-favela-me-fez-escritor.html>. Acesso em: 11/05/2024

afirma no seguinte trecho da entrevista: “Hoje, pensando sobre todas essas motivações, não posso descartar uma, determinante: o desespero. Estava com 24 anos, desempregado, sem profissão, sendo obrigado a mudar da casa onde vivia”¹². Logo, a escrita e a razão de sua escrita são intimamente ligadas à sua realidade social, à sua vivência enquanto homem negro, pobre e periférico e todas às desigualdades que assolam uma existência negra assujeitada, pois, é preciso enfatizar que nós falamos de um tempo e lugar específicos, de uma história e uma realidade específica – não há discursos neutros” (Kilomba, 2019, p.58)

Portanto, este artigo objetiva analisar a obra *Via Ápia* sob a perspectiva da escrevivência, termo cunhado por Conceição Evaristo, uma vez que sua escrita é permeada constantemente por suas vivências e pela realidade que assola seu entorno e de seus companheiros de jornada.

Assim, o termo escrevivência faz referência às narrativas da contemporaneidade que buscam evidenciar narrativas dissidentes dentro do universo elitista e excludente da literatura. A escrevivência, portanto, é um ato de coletividade que visa recontar a historiografia a partir das narrativas de sujeitos silenciados e marginalizados pela sociedade colonial brasileira. Deste modo, Conceição Evaristo situa a sua escrita como fortemente marcada por sua condição como mulher, negra e pobre. Isto posto, questiono-me: A escrevivência abarca apenas literatura escrita por mulheres? O conceito de escrevivência pode ser metodologia de análise de escritas marginalizadas diversas?

Em vista disso, o objetivo deste estudo é situar a obra de Geovani Martins dentro da perspectiva da escrevivência, tendo em vista o fio condutor racializado e marginalizado do escritor e de sua narrativa. Além disso, o objetivo específico é: denotar como o livro retrata o cotidiano dos moradores de comunidades marginalizadas, abordando as questões sociais, políticas e econômicas tratadas na obra, bem como a representação das identidades culturais e das experiências de vida dessas comunidades. Para tanto, na sequência, o estudo apresentará a metodologia abordada no estudo e, em seguida, a discussão teórica na seção 3, intitulada *Escrever para reescrever a história*, abordando especificamente a abordagem teórica escolhida para esta análise, a escrevivência, de Conceição Evaristo (, 2020). Na seção 4, *Literatura da descontinuidade*, abriremos a

¹² Martins, 2022, p.280

discussão acerca da literatura periférica-marginal (Peçanha, 2019; Dalcastagné, 2008), seguido de um subcapítulo de análise empírica da obra estudada.

2 METODOLOGIA

A metodologia abordada neste estudo é de cunho qualitativo, em que se destaca a revisão bibliográfica de dissertações, teses e livros que tratam sobre os assuntos relevantes como a construção da escrita, bem como análise do livro literário *Via Ápia* pelo prisma do conceito de escrevivência, cunhado por Conceição Evaristo (2020) e o conceito de literatura periférica-marginal (Peçanha, 2019; Dalcastagné, 2008).

A revisão bibliográfica cumpre um papel fundamental para a fornecer uma base sólida e estruturada para a compreensão dos conceitos dos quais se assenta este estudo. Deste modo, é a partir da revisão bibliográfica de autores diversos que tratam sobre o conceito de escrevivência que se pode desenvolver a seção 3, podendo-se, assim, compreender o conceito e sua aplicabilidade para a obra escolhida.

A análise literária do livro objeto de estudo deste artigo foi conduzida a partir dos conceitos citados acima e a escolha desses referenciais teóricos se deu pela relevância e pertinência para a compreensão da obra em questão, bem como pela sua consonância com os objetivos desta pesquisa.

A partir da perspectiva da escrevivência (Evaristo, 2020), buscou-se compreender como o autor utiliza a sua própria vivência e experiência enquanto sujeito periférico e negro para construir sua narrativa e dar voz aos personagens marginalizados de forma humanizadora e respeitosa, explorando a escrita literária como forma de recontar e transformar a historiografia das comunidades periféricas brasileiras. A noção de escrevivência permite uma leitura que vai além da simples representação da realidade, englobando uma dimensão política e identitária que permeia toda a obra.

Por sua vez, o conceito de literatura periférica-marginal (Peçanha, 2019; Dalcastagné, 2008) proporcionou uma análise das estratégias estilísticas e temáticas presentes na obra, considerando sua inserção em um contexto social e cultural específico da favela do Rio de Janeiro e situando a importância e significância do estudo de realidades fora do eixo elitista para o desenvolvimento de uma educação mais humana e justa. A literatura marginal, ao dar voz às margens da sociedade, revela as contradições e desigualdades presentes no tecido social, ao mesmo tempo em que subverte e questiona as normas

estabelecidas, reconstruindo narrativas silenciadas e assujeitadas dentro do sistema social.

Os procedimentos de análise desse estudo envolveram leituras atentas e críticas da obra literária em questão, identificando os elementos que relacionam a obra com os conceitos estudados, além de análise textual de elementos literários como linguagem, estruturação da narrativa, construção dos personagens e a temática abordada.

3 ESCREVER PARA REESCREVER A HISTÓRIA

O termo *escrevivência*, criado por Conceição Evaristo, de forma pouco intencional, como explica em suas entrevistas, tem início em 1995, em sua dissertação de mestrado, e segue sendo um conceito de extrema importância para análise da literatura contemporânea. A *escrevivência* de Evaristo tem como intento escrever sobre a própria vida, suas vivências e experiências por meio de suas reflexões, de seu pensar, tomando para si o ato de fazer, de contar a história; e não apenas a sua própria história, como a daqueles que a cercam e que constroem a sua subjetividade; portanto, a *escrevivência* é um ato de coletividade. Além disso, tal conceito não abrange apenas narrativas biográficas, podendo a narrativa ser totalmente ficcional, reconstruindo vivências reais de forma verossímeis.

Como o conceito ainda é bastante aberto, apesar de ser trabalhado intensamente na atualidade e ser método de diversas análises e estudo, tanto para melhor delimitá-lo quanto como orientação metodológica, não há claras limitações que especifiquem quem pode ou não utilizar da terminologia. Assim, mesmo Conceição Evaristo explicitando sua escrita e sua terminologia enquanto atravessadas por sua condição de mulher negra e pobre, a terminologia deixa aberta a possibilidade de utilização do *escrever* por todo e qualquer sujeito que tem vivências coletivas de marginalização e de negligências, usufruindo, portanto, da escrita como forma de narrar dores coletivas e suas histórias de negação e de inferiorização, abrindo, deste modo, espaço neste lugar de privilégio em que a literatura está posta.

Consciente do seu fazer literário, Evaristo distende esse processo à escrita produzida por outras autoras, ao afirmar que a experiência do povo negro motiva os sentidos dados por ela ao termo

escrevivência, tornando-se característica de processos de criação literária, assumidos por subjetividades negras (Fonseca, 2020, p.62).

Isto, pois, o termo foi criado no intuito de modificar a visão que fora construída historicamente da “Mãe Preta” como aquela que conta histórias doces e infantis para adormecer àqueles da casa-grande, invertendo essa posição, utilizando-se de seu narrar para acordá-los de seus sonhos injustos. Deste modo, a:

Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: “a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonhos injustos” (Evaristo, 2020, p.30).

Desta maneira, o ato de escrever busca retomar as tradições africanas de continuidade das histórias ancestrais contadas e cantadas, que outrora foram preservadas pela figura dos griôs¹³, que são “os condutores do rito do ouvir, ver, imaginar e participar, são os artesãos da palavra. São os que trabalham a palavra, burilam, dão forma, possuem essa especialidade de transformar a palavra em objeto artístico (Silva, 2013, p.3). Assim, a escrevivência provoca uma escrita que busca por meio do ato de escrever ecoar as dores, as negações e o assujeitamento reservados durante anos para a população negra e periférica afro-brasileira. Assim, apropria-se da escrita, sempre tão elitizada e excludente, para provocar o reconstruir de histórias silenciadas e ocupar espaços negados, conforme explica Evaristo (2020), que a é uma maneira de interrogar a realidade passada e a atual. É uma constante por recontar e reformular as histórias contadas anteriormente.

Outrossim, a escrevivência da autora é permeada e atravessada pelas histórias que constituem sua existência, histórias suas e de outras que a cercavam, como tias, avós,

¹³ Conheça o movimento griô. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2018/12/12/interna_diversao_arte,724615/conheca-o-movimento-grio.shtml. Acesso em: 24/06/2024

vizinhas, que por meio da oralidade preenchiam os espaços com suas lutas, suas ancestralidades e suas rupturas com a escravização e o racismo. Portanto, sua poética é intensamente perpetrada por lembranças, pela contação e por vivências no chão de terra e no fiar das roupas, isto é, “a escrita de Evaristo bebe, pois, na rica fonte da oralidade, em falas e gestos que preparam o escrever” (Fonseca, 2020, p.61).

Logo, o fazer literário constituído na escrevivência não será nunca uma escrita individual, solitária; ela é uma escrita da coletividade, da comunidade, permeada por todos esses contares e, mesmo se tratando de histórias de uma única pessoa, nunca é uma vivência única e extraordinária, mas, sim, vivências profundamente marcadas pela existência marginalizada e racializada de toda uma comunidade. Deste modo, o ato de escrever torna-se um modo de fuga das prisões físicas e simbólicas impostas a esses sujeitos; além de uma forma de retomar e honrar a sabedoria ancestral. Neste sentido, a escrevivência de Evaristo dialoga com o conceito espanhol *cimarronaje*, pois, a *cimarronaje* é também uma forma de resistência e de preservação de saberes e epistemologias ancestrais, visto que:

Os cimarrones, em sua maioria, possuíam origem africana. Recorriam à fuga não apenas para se tornarem livres, mas, também, para exercerem, em sua inteireza, os valores cosmogônicos que os definiam como indivíduos e cultura. A partir da percepção subalterna relacionada aos humanos africanos, afrodescendentes e originários, observou-se que eles possuíam um patrimônio cultural que apenas poderia ser exercido a partir da Liberdade ocasionada pela fuga.
[...] O cimarrón é a representação das tradições intelectuais da afrodescendência exercidas pela Liberdade de representação de si como indivíduos e coletividades (Coelho, 2019, p.26).

Embora a fuga realizada pelo ato da escrevivência seja um processo de cunho mais simbólico e subjetivo, atuando de modo a transformar a subjetividade e percepção histórica fundamentada por meio do recontar histórias e desvelar violências e ausências sofridas por essa população negligenciada, o Brasil também é marcado por formas de resistências incisivas e coletivas, como os quilombos brasileiros, que foram fortemente atuantes em movimentos insurgentes que buscavam a libertação da população negra escravizada. Além disso, os quilombos são comunidades de extrema importância na constituição de um espírito de coletividade e reconhecimento racial e social na formação ideológica de um corpo social, como bem demarca Nascimento (2021):

A importância dos “quilombos” para os negros na atualidade pode ser compreendida pelo fato de esse evento histórico fazer parte de um universo simbólico em que seu caráter libertário é considerado um impulsionador ideológico na tentativa de afirmação racial e cultural do grupo (Nascimento, 2021, p.109).

Entretanto, a historiografia brasileira retratou esses espaços como meros espaços de escape para fugitivos, marginalizando toda a construção comunitária e solidária que se estabelecia dentro desses locais. Além da invisibilização de seus feitos insurgentes, “há quem diga que o negro consciente e rebelde desapareceu junto com os quilombos após a abolição do trabalho escravo” (Nascimento, 2021, p. 115). Todavia, nem o negro rebelde foi substituído pelo negro dócil e obediente, nem mesmo o quilombo deixou de existir por sua completude. Com as desigualdades sociais cada vez mais evidentes e massacrantes para as comunidades negras e pobres e o processo de urbanização e de globalização, Nascimento teoriza que os territórios que antes contemplavam a existência quilombola “são atualmente favelas ou ex-favelas com grande contingente de população negra (de menor poder aquisitivo)” (Nascimento, 2021, p.116).

Isto posto, é dentro desse espaço existencial¹⁴ de resistência e insurgências que Geovani Martins, assim como Conceição Evaristo, se apossa de suas vivências, de suas “orelhadas”¹⁵ pelas ruas para pensar sobre essas experiências e torná-las partes de suas narrativas. Embora não fale do passado como Evaristo, Martins evoca as ações do passado que afetam diretamente a realidade de comunidades afrodiáspóricas na atualidade, reconstituindo os vazios que cobrem essas vivências: “A nossa memória como um povo diaspórico é constituída de vazios, a ficcionalização chega justamente para dar consistência, para cobrir esse vazio.”¹⁶ (Evaristo, 2023) Portanto, sob a ótica da escrivência, analisarei, neste estudo, o primeiro romance de Martins, *Via Ápia*, publicado pela editora Companhia das Letras em 2022.

¹⁴ Via Ápia – Geovani Martins – Canal Provoca, disponível em: [Geovani Martins | Provoca | 20/06/2023](https://www.youtube.com/watch?v=...). Acesso em: 20/06/2023.

¹⁵ Geovani Martins: como a favela me fez escritor. Disponível em: <https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2018/03/geovani-martins-como-favela-me-fez-escriptor.html>. Acesso em: 09/05/2024.

¹⁶ “A ficção preenche um vazio”: entrevista com Conceição Evaristo no Fliparacatu. Disponível em: <https://culturadoria.com.br/conceicao-evaristo/>. Acesso em: 24/06/2024.

4. LITERATURA DA DESCONTINUIDADE

Geovani Martins descreve sua literatura como uma “literatura da descontinuidade”, isto é, como uma ruptura no que se tem consagrado como literatura com valor literário, entrando neste espaço para mudar essa relação elitista que se estabeleceu com a literatura. Assim a *literatura da descontinuidade* apresenta, portanto, outros personagens, territórios e formas de narrar essas vivências que se vinculam muito à tradição oral afro-brasileira, que antes era representada pela musicalidade, pela tradição griô, pela religiosidade e, contemporaneamente, está presente na literatura.

O silêncio dos marginalizados é coberto por vozes que se sobrepõem a ele, vozes que buscam falar *em nome deles*, mas também, por vezes, é quebrado pela produção literária de seus próprios integrantes. Mesmo no último caso, tensões significativas se estabelecem: entre a “autenticidade” do depoimento e a legitimidade (socialmente construída) da obra de arte literária, entre a voz autoral e a representatividade de grupo e até entre o elitismo próprio do campo literário e a necessidade de democratização da produção artística. O termo-chave, neste conjunto de discussões, é “representação”(…) (Dalcastagné, 2008, p.78-79).

A escrita literária de Martins pode ser compreendida sob a perspectiva da literatura marginal, isto, pois, sua temática passa na territorialidade da segunda maior favela do Brasil, a Rocinha, apresentando o cotidiano e as dificuldades desses sujeitos. Além disso, Geovani é também morador desse espaço, então, em sua constituição como sujeito-escritor há muito de seu território de existência, estando, deste modo, fora do mercado editorial e do que se considera canônico.

No estudo sociológico de Érica Peçanha (2006), mapeia-se a insurgência da classificação que abrange uma gama de possibilidade de escritas, como os escritores marginais da década de 70, que, mesmo fazendo parte da juventude de classe média e estudantes de universidades públicas, eram engajados com demandas sociais, utilizando-se de linguagem coloquial, ironias, gírias e palavrões para subverter os padrões impostos para uma literatura valorada. Entretanto, Martins pode ser compreendido no segundo coletivo de escritores marginal, idealizado por Férrez nos anos 2000 e 2001, com as publicações de *Capão Pecado* e a revista *Literatura Marginal: a cultura da periferia*. Neste contexto, eram classificados enquanto autorias de literatura marginal aqueles que estava “à margem da produção e do consumo de bens econômicos e culturais do centro geográfico das cidades e da participação político-social (Nascimento, 2006, p.23).

O movimento iniciado por Férrez possibilitou a escrita e a manifestação literária de mais de 40 autores marginais, que se projeta ainda hoje na escrita de autores como Martins e José Falero. Deste modo, define-se a literatura marginal como “uma literatura feita por marginais, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional” (Férrez, 2005, p.12). Neste sentido, a produção literária advinda das periferias possibilita um novo olhar para esses espaços, além de renovar a forma de viver e estar neste ambiente, tornando-o centro de produção de conhecimento, de cultura e de literatura. Dessa forma, a periferia deixa de estar como mera consumidora e torna-se criadora e formadora de produtos, de bens culturais e de experiências.

Isto posto, a obra literária de Geovani Martins é uma obra que entreabre nossos horizontes para a realidade de uma das maiores favelas do Brasil, a Rocinha, possibilitando que a vida e a existência desses sujeitos seja conhecido e reconhecido para fora da periferia, isto é, a literatura da margem agora é o centro, pois o olhar da narrativa parte de dentro para fora e não o contrário, como se acostumou. “A partir dessa(s) mesma(s) margem(ns) constroem o seu imaginário – não falando apenas da ou sobre a periferia, mas a partir dela e, dessa maneira, engendram um modo de ser no mundo” (Botton, 2023, p.14). Logo, seu fazer literário é razão de orgulho para o escritor que percebe o reconhecimento e a repercussão de seus livros em grandes espaços intelectuais, mas, principalmente, e de forma mais relevante para o autor, por ser um livro “de entrada, assim, na juventude nas favelas, é o livro que os mototáxis leem, é os livros que os adolescentes leem” (Martins, Canal Provoca, s/p).

A produção literária – e, por conseguinte, a expressão de ideias e sentimentos – passa a ser realizada por quem, até então, só se via descrito literariamente a partir de outrem. Essa autoria consiste em um dos elementos de maior valor entre leitores e escritores da literatura marginal-periférica, pois significa o domínio de uma força expressiva (“grito da periferia”, “voz do gueto”, popularmente falando) por parte de quem sempre esteve às margens da escrita (Soares, 2008, p.49).

Além disso, sua escrita é inspiração para o gosto pela leitura e para novas narrativas de sujeitos que muitas vezes não se percebem como produtores de conhecimento e de saber, que não veem suas histórias e suas vivências como algo de valor.

4.1 Literatura marginal na escola?

Via Ápia é o primeiro romance de Geovani Martins, publicado em 2022, pela Companhia das Letras. O romance recebe o nome da principal e mais movimentada rua da comunidade do Rio de Janeiro e levanta temáticas importantes como a violência, a necropolítica, a negritude e a exploração do trabalho. Outrossim, o romance aborda a perspectiva de 5 jovens negros sobre o processo de implantação das Unidades de Polícia Pacificadoras (UPP) e como a vida desses jovens e a de toda a comunidade foi fortemente afetada por essa chegada.

Legenda: Apresentação da capa da obra



Fonte: <https://acesse.dev/rXoKC>

O livro é dividido em três capítulos, marcados por datas precisas que remetem ao período anterior a implantação da UPP, evidenciando ao leitor, que mesmo sendo a UPP uma promessa, passou a ser uma espera dolorosa e agonizante para todos; O capítulo seguinte relata o processo de implantação e as implicações que essa instalação e a apropriação violenta desse espaço causou aos moradores da comunidade. Em seguida, a terceira parte, mais madura, traz o alívio da saída da polícia e o retorno das vivências e das experiências necessárias e intrínseca para a coletividade da Rocinha.

A narrativa gira, primordialmente, ao redor da vida e das vivências de 5 jovens periféricos: Washington e Wesley, irmãos, e Murilo, Douglas e Biel, amigos que dividem a mesma

residência. Entretanto, é possível conhecer algumas subnarrativas que nos permitem um panorama ainda mais preciso das inseguranças e desigualdades que assolam este espaço, estas vivências como as privações de direitos, se caracterizando, portanto, como uma obra de denúncia.

A obra inicia-se nos apresentando Wesley e Washington em seus dilemas com o bico de garçom e animador de festa que auxiliam na manutenção e no sustento da casa dos garotos e de sua mãe, Dona Marli, mãe solo e cheia de sonhos que vão sendo derrubado com o passar dos anos sem nunca conseguir conquistar nada que fosse seu.

A personagem Dona Marli é a representação do sofrimento e da submissão que a pobreza e a exploração reservam para as mulheres negras e periféricas. A submissão e o trabalho exploratório impostos às mulheres negras constituem uma triste realidade enraizada em sistemas de opressão históricos e estruturais. Essas mulheres frequentemente enfrentam uma interseção de discriminação de gênero e raça, o que as coloca em desvantagem dupla em muitos aspectos da vida. Historicamente, as mulheres negras foram forçadas a desempenhar papéis subalternos e servis na sociedade, muitas vezes relegadas a trabalhos mal remunerados e desvalorizados. Seja nos campos durante a escravidão, nas casas como empregadas domésticas durante a era pós-abolição, ou em setores marginalizados da economia contemporânea, elas são frequentemente exploradas e subestimadas.

Anos de suas vidas limpando e esfregando grandes casas luxuosas sem que nunca pudessem ter a sua própria. O salário que ganha pouco dá para o aluguel e os mantimentos básicos enquanto, ano após ano, o sonho de ter seu próprio lar vai se diluindo e levando consigo a esperança, como vemos no seguinte trecho: “O fato de a mãe ter começado a trabalhar antes dos dez anos de idade e mesmo assim não ter uma casa própria sempre deixava Washington cheio de ódio” (Martins, 2022, p.45). Além disso, as mulheres negras enfrentam obstáculos adicionais, como a discriminação racial no local de trabalho¹⁷, acesso limitado à educação e saúde de qualidade¹⁸, e um sistema

¹⁷ Mulheres sofrem mais microagressões no ambiente de trabalho e tem aposentadorias menores. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2024/03/mulheres-sofrem-mais-microagressoes-no-ambiente-de-trabalho-e-tem-aposentadorias-menores.shtml>. Acesso em: 24/06/2024

¹⁸ A necessidade de acesso equitativo na saúde no Brasil. Disponível em: <http://www.conselhodesaude.rj.gov.br/noticias/1180-o-dia-internacional-da-mulher-e-a-necessidade-do-acesso-equitativo-na-saude-no->

legal que muitas vezes as trata de forma desigual. Todas essas formas de opressão contribuem para um ciclo de marginalização e exploração que é difícil de romper.

Apesar da exploração e dos sonhos esfarelados, Dona Marli agradece a oportunidade de ter como manter sua família, comportamento que incomoda seus filhos por sua submissão e passividade diante das dores sofridas.

Washington e Wesley sempre ficaram bolados com o jeito submisso que a mãe trata as patroas e patrões, sempre muito cheia de dedos e agradecimentos. Mas se for puxar o fundamento, eles vão falar o quê? Pra ela nunca falta trabalho, criou os dois filhos sozinha, sem pedir nada pra ninguém (Martins, 2022, p.40 – 41).

No princípio, a narrativa que é fluida e cheia de humor nos leva compreender que, mesmo com o teor cômico, é a exploração do trabalho e a luta de classes que assola essa realidade. Washington expressa constantemente a sua indignação e a humilhação causadas por precisar comer escondido no banheiro da festa infantil e a fome torturante que o acompanha durante todo seu turno de trabalho, além do ódio que sente, junto do irmão, por precisarem “servir aquela gente que não tem capacidade de cantar os parabéns dos próprios filhos sem ajuda profissional” (Martins, 2022, p.17), sem o reconhecimento financeiro ou mesmo a carteira assinada. Assim, o subemprego provisório de Washington como garçom no salão de festa, servindo os pequenos patrões ricos, brancos e suas famílias donas e proprietárias de grandes empresas, evidencia as nuances da desigualdade social e a luta de classe que assola a realidade desses jovens. Deste modo, o ódio mistura-se com a trilha sonora infantil, crianças mimadas chorando e gritando suas vontades patronais e a fome que revela ainda mais o lugar desses jovens neste contexto exploratório, tornando a casa de festas infantil cenário constante da luta de classes, como se pode observar em: “Washington saiu da cozinha com a bandeja de hambúrguer. Naquela hora, a fome tinha virado ódio” (Martins, 2022, p. 15).

Todavia, após uma discussão com a gerente por ser pego comendo escondido, Washington expõe todo seu ódio e perde sua única fonte de renda. A insegurança e o

brasil.html#:~:text=Historicamente%20ono%20nosso%20pa%C3%ADs%2C%20as,maltratadas%20no%20sistema%20de%20sa%C3%BAdo. Acesso em 24/06/2024

desamparo destacam que, mesmo compreendendo a situação exploratória, é difícil ter para onde correr ou forçar para ir contra esse sistema que explora e mitiga essas existências, portanto, a submissão e a gratidão tornam-se a forma menos dolorosa de sobreviver.

Além da insegurança financeira e as relações abusivas de trabalho, os jovens sofrem com as frequentes paradas policiais e suas violências, restando-lhes a liberdade de ir e vir apenas dentro do morro, pois, fora deles, sempre são bandidos em potencial. “Washington não conseguia deixar de sentir um ódio profundo daqueles policiais toda vez que imaginava a cena de Wesley descendo a Pedra do Arpoador com as duas mãos algemadas” (Martins, 2022, p.62).

O ódio é um sentimento recorrente em toda narrativa e aparece em diferentes momentos para expor e apontar como esses sujeitos se sentem dentro dessa esfera de violência, tornando-se o único sentimento capaz de expressar a humilhação e a submissão que são colocados todos os dias, alimentando a revolta e fazendo-os manter os olhos abertos e vigilantes sobre as injustiças sofridas. Neste sentido, o ódio é uma arma afiada, uma espada empunhada contra as correntes da desigualdade, não constituindo-se apenas como um reflexo das feridas infligidas pela opressão, mas também uma fonte de poder e resistência. É através desse ódio que os marginalizados encontram a coragem para desafiar o sistema, se levantarem e reivindicarem sua própria humanidade. É a força que os impulsiona a continuar lutando, mesmo quando o caminho parece difícil e cheio de obstáculos.

Desta maneira, Martins constrói a atmosfera do romance transitando entre a alegria de estar entre os seus e estar em seu espaço de pertencimento e o ódio e angústia quando se precisa estar fora desses ambientes em que o corpo negro se torna alvo de violências, silenciamento e inferiorização constantes apenas pelo fato de existir, como se todo espaço fora dos limites territoriais da Rocinha fossem hostis para essas vivências. Martins descreve com maestria a constante vigilância e a tensão palpável que permeiam essas experiências, pintando um retrato vívido da luta diária pela dignidade e pelo reconhecimento da humanidade negra em um mundo que insiste em negá-la e inferiorizá-la.

O trio de amigos Douglas, Biel e Murilo não viviam realidade muito diferente. Apesar de estarem em localização privilegiada na Rocinha e certa estabilidade em suas vidas, aos

poucos vão sendo confrontados com as dificuldades que a implantação da UPP acarretará em suas existências. Douglas vive em subempregos de entregador e com sua bicicleta viaja pelos bairros nobres da cidade do Rio de Janeiro para executar entregas para uma farmácia, e dentro dessa realidade de atender a burguesia do Rio expõe suas dificuldades e o ódio que sente a todo momento em que a desigualdade social se exhibe. Entretanto, o sonho que mantêm sua vitalidade é a tatuagem e esse desejo de Douglas vai guiar seu caminho na narrativa, bem como sua busca pela liberdade de poder ser e estar onde é acolhido e feliz.

Douglas tem vontade de quebrar tudo quando entra nos edifícios. Os vasos, quadros, espelhos, tudo. Não que tenha vontade de sair do morro, viver aquela vida. Mas acontece alguma coisa toda vez que ele vê aqueles ladrilhos que formam desenhos, os corredores impecáveis, as portas de madeira boa, a lixeira perfumada com lavanda, que ele sente ódio de verdade” (Martins, 2022, p.36).

Biel, por sua vez, aproveita-se por ser “diferenciado” fenotipicamente, o que sempre lhe permitiu trafegar entre os polos da ordem e da desordem de maneira fluida e pouco turbulenta. Assim, vive sua vida na favela como se a esse lugar não pertencesse e não compreendia o amor e apego de Douglas e Murilo sobre ele. Apesar disso, utilizava-se dos recursos dos entorpecentes que adquiria na favela e os revendia na pista, isto é, em áreas nobres da cidade, para sua sobrevivência.

Biel fica bolado quando ouve esse papo, porque nunca acreditou em ninguém que diz ter orgulho de morar em morro [...] Biel acha graça que nessa hora parece que ninguém se lembra da falta d’água, da vala aberta, da polícia que derruba a porta, do lixo que às vezes espera uma semana pela boa vontade da Comlurb (Martins, 2022, p.146).

A falta de recursos e saneamento básico¹⁹ são demandas que afetam a vivência dentro das favelas. Os moradores são submetidos a situações insalubres e pouco dignas pela ausência de assistência governamental, isto é, esquecidos à margem da centralidade, não recebem o básico para viver dignamente e com qualidade de vida²⁰. Essa ausência

¹⁹ Desigualdade no saneamento e falta de investimento penalizam as favelas. Disponível em: <https://mareonline.com.br/desigualdade-no-saneamento-e-falta-de-investimentos-penalizam-as-favelas/>. Acesso em: 24/06/2024

²⁰ Rocinha tem maior concentração de moradores por km² no Brasil. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2024/03/rocinha-tem-maior-concentracao-de-moradores-por-km2-no-brasil-veja-a-lista-completa.shtml>. Acesso em: 11/05/2024

governamental é um sintoma de um sistema que perpetua a marginalização e a desigualdade social para esses moradores, que são sistematicamente deixados à margem, privados dos recursos básicos necessários para viver com dignidade e qualidade de vida. Assim, expõe-se que essa privação de direitos é uma injustiça gritante que revela a falência do Estado em cumprir seu dever de garantir o bem-estar de todos os cidadãos, independentemente de sua origem ou condição socioeconômica.

Contudo, essa construção da identidade e do sentimento de pertencimento é construído a partir da expansão desse conhecimento e do compartilhamento de narrativas dissidentes, pois conforme explicita Geovani Martins, é ensinado dentro dos lares periféricos a vergonha e o receio por pertencer a esse lugar. Portanto, ensina-se a querer sair de lá a todo custo, como vemos no seguinte excerto dado pelo próprio autor: “você precisa ter vergonha disso assim, eu lembro muito da minha mãe falando assim ‘mas não é porque vocês moram na favela que vocês precisam ser favelados’” (Martins, Canal Provoca, s/p). Desta maneira, Martins revela que a percepção de Biel sobre a Rocinha não é fruto de soberba ou egocentrismo, mas apenas um discurso ensinado dentro da família para estimular uma vida melhor e com segurança.

Apesar disso, esse espaço de pertencimento é território em que muitos dos moradores se encontram e constroem suas identidades sociais, políticas e subjetivas. Assim, mesmo com todas as ausências e indignidade que são expostas, a liberdade de ser quem se é, de não ser constantemente violentado, torna o espaço da periferia o espaço de acolhida e de pertença, pois, apesar de todas as adversidades e carências, as favelas representam mais do que simplesmente uma geografia física; são territórios de resiliência e de construção de identidade. Neles, muitos moradores encontram não apenas um lugar para viver, mas também um ambiente para se desenvolverem como seres sociais, políticos e individuais.

Seguindo a apresentação dos personagens, temos Murilo, que alistou-se e ingressou no exército brasileiro para juntar dinheiro e conseguir encontrar sua vocação, mas o trabalho provisório durou mais do que o previsto e o dinheiro nunca durou além do final do mês. Desse modo, com a possibilidade da invasão militar, Murilo é atormentado com a possibilidade de ter que invadir seu próprio lar.

O elemento caiu no chão, sem vida, quando Murilo reconheceu: era o Faísca, amigo das antigas, e que de um tempo pra cá fechava na boca. Outro corpo surgiu pra ser derrubado. Era Douglas, que, antes de se esborrachar no chão deixou cair o guarda-chuva. [...] Baixou a cabeça pra trocar o pente e na mesma hora veio aquele silêncio depois da troca. Ele se apressou pra recarregar a arma. Quando levantou a cabeça, viu uma mulher parada a pouco mais de um metro de distância. Não conhecia aquele rosto, mas conhecia a pessoa. Era estranha a sensação.

-Acabou. Vamos pra casa – ela disse.

Depois de refletir por um instante, Murilo apontou o fuzil contra a mulher e acordou desesperado (Martins, 2022, p.49).

A notícia da implantação da UPP se espalha pelo morro. Está presente nas conversas de janela, nas conversas de bar em bar. Não sai da boca do povo. A especulação sobre o assunto, como ocorrerá e o que causará, é preocupação de todos, dos usuários de entorpecentes e as mães inseguras pelas vidas de seus jovens filhos negros. Além disso, todos sabiam que a implantação da UPP nada tinha a ver com redução de criminalidade, segurança ou pacificação, como integra o nome, mas uma forma capitalista de aniquilar corpos indesejados e colocar em prática o que Mbembe (ANO) denomina por *Necropolítica*²¹, isto é, mecanismos governamentais que controlam quem deve viver e morrer dentro da estrutura organizacional da sociedade. Essa política da morte condiciona a existência desses jovens e aparece com frequência evidenciando o quanto as expectativas da juventude marginalizada são reduzidas pela falta de oportunidades, representatividade e possibilidades de sonhar, construir e viver outras realidades. Deste modo, fazer planos de entrar em uma Universidade, comprar uma casa ou mesmo um bom emprego parece tão irreal e distante que parece insignificância ter essa ousadia, como se pode observar em: “todos aqueles planos e a certeza com que Gleyce falava sobre a própria vida, fizeram Washington sentir inveja, também um pouco de pena, porque lembrou de um monte de merda que pode acontecer na vida de alguém” (Martins, 2022, p.105).

Outrossim, antes da implantação da UPP, o morro e o crime viviam de forma harmônica, não havendo conflitos letais; desde que o Mestre havia assumido o comando da favela não havia mais tiros ou roubos nos perímetros da comunidade e os moradores tinham com quem contar para resolver as demandas sociais locais. Além disso, a intervenção militar afeta de forma radicalmente as economias populares e o comercial local, como os

²¹ Mbembe, Achille. *Necropolítica*. Arte & Ensaios | revista do ppgav/eba/ufrrj | n. 32 | dezembro 2016.

mototáxis, alternativa econômica para o deslocamento dentro da favela. Dentro dessa perspectiva, o direito de ir e vir da comunidade é diretamente afetado, tanto na questão de mobilidade quanto na ferrenha intervenção dos soldados que questionam, agridem e vociferam contra os passantes-suspeitos.

A mobilidade desses jovens na cidade do Rio de Janeiro já era comprometida, pois mesmo residindo nesses espaços desde que nasceram, nunca foram donos ou pertenceram a eles. Não conheciam os espaços outros da sua própria cidade que recebem milhares de turistas todos os anos, que pisam com propriedade nesses territórios que expurga esses jovens de seus chãos nobres e elitizados. “A experiência prova que em lugares tipo Fashion Mall, pra não ter dor de cabeça, o melhor é vestir uma calça. Os seguranças sempre vão bater neurose com os moleque de bermuda” (Martins, 2022, p. 97). O único momento da narrativa em que os jovens se sentem pertencentes à cidade é durante uma subida à Pedra da Gávea; a vista do pôr do sol com os pés em cima da cidade é emocionante e os faz se sentirem vivos e, finalmente, parte do que é ser carioca. Contudo, logo são lembrados de onde pertencem quando relembram a história de um dos amigos sobre a primeira vez que subiu a Pedra e, na descida, acabaram dentro de um condomínio de luxo, sendo enxotados como bandidos perigosos pelos seguranças do lugar.

A implantação foi tão aterrorizadora quanto as expectativas previam, tirando a vida da Avenida mais vivaz e movimentada da Rocinha. “O Águia parecia que tava até dentro de casa. Mó barulho sinistro, chegava a tremer o prédio todo. [...] Biel olhava pela janela e não via nenhum sinal de vida” (Martins, 2022, p.143). E como o previsto por todos, as ações violentas e invasivas tomaram conta da periferia e “a descrição de elementos” passou a ser argumento para invasões violentas das casas, violação de pertences pessoais e agressões físicas aos jovens “suspeitos” pelo único fato de serem um corpo negro.

Com o ódio que sentiu, Biel conseguiu entender melhor do que antes quem fechava na boca e aplicava pra cima daqueles filhos da puta, quem joga granada embaixo de caveirão. Não dá pra aceitar aquilo. Um cara meter o pé na tua porta, mexer nas tuas paradas, te tratar que nem bandido sendo que nunca te viu (Martins, 2022, p.148).

Além disso, as batidas policiais tornaram-se mais frequentes, e o espaço que antes era de pertencimento e acolhida, tornou-se outro espaço de violações, tapas na cara e medo.

Mesmo a maconha, substância utilizada pelos jovens como forma de descanso e alívio das turbulências diárias, com a implantação da Unidade Pacificadora, perdeu a qualidade; a erva de qualidade passou a ser uma erva velha e seca. O pó tornou-se a única opção acessível e disponível para os usuários, deixando claro que a guerra às drogas não buscava eliminar o uso de entorpecentes, mas controlar sua utilização e quem será massacrado por sua utilização. Isto é, aqueles que conseguem pagar por um produto mais caro terão opções para o consumo, enquanto os que resgatam o trocado da passagem terão opções mais pesadas e letais de entorpecentes.

Outrossim, as razões que colocam as pessoas na situação de *zumbis* por causa das drogas vão muito além do seu uso, mas, sim, a exploração do trabalho, a dor do luto, da morte e da falta de dignidade que os priva de expectativas e sonhos que são essenciais para buscar mais que a sobrevivência. A necessidade de sonhar, de fabular e de desejar são inerentemente humanas, assim, quando o mínimo não é possível, o direito à expectativa e ao sonho vão sendo corroídos pela existência massacrante dentro das favelas e das periferias. Deste modo, essa necessidade de fabular, de sonhar e desejar é explorada por entorpecentes que amenizam as dores e tristezas da subalternidade.

O personagem professor, criado por Martins, evidencia essa relação entre as drogas e a pobreza de forma muito inteligente e crítica. O personagem do Professor é músico e tocou em lugares muito importantes, como hotéis e cruzeiros e, em seu relato, afirma que nesses espaços havia muita droga e muito usuário de drogas pesadas sem que isso fosse denominado por *cracolândia*.

– Isso aqui, *cracolândia*? Isso aqui não tem nada a ver com drogas. [...] Cadê a *cracolândia* no Lebon, lá no Jardim Botânico? Isso aqui não tem nada a ver com a droga. Um lugar desse aqui, quem faz é a pobreza, morô? É a miséria mesmo. É o desespero pra conseguir sobreviver (Martins, 2022, p.234).

Após um ano de implantação da UPP, as ações policiais dentro do morro passaram a ser mais violentas e a reação dos traficantes deixou de ser pacífica para se transformarem em ações de enfrentamento. Neste sentido, se o slogan do projeto era pacificar, o que fica evidente é que a implantação apenas intensificou a violência e a agressividade dentro da periferia, tornando aquele espaço mais hostil e brutal.

A retirada da Unidade Pacificadora, na trama, ocorreu apenas após a morte de Amarildo, que desapareceu após uma abordagem policial. O caso de Amarildo incitou a investigação de casos de tortura, assassinatos e ocultação de cadáver. “Papo reto: precisou desse bagulho do Amarildo aí, depois disso a mídia caiu em cima aqui no morro. Foi isso que mudou. Aí eles teve que ficar na moral, aceitar o arrego e ficar no sapatinho” (Martins, 2022, p. 335). Entretanto, na ficção, a morte de Washington desencadeia o sentimento de impotência e de que a luta contra o sistema havia sido perdida e o lado perdedor parecia muito claro para os moradores. A morte do jovem provocou o vazio na casa de Dona Marli e afastou os garotos de suas vidas e de seu território de existência e pertencimento, pois foi nesse mesmo lugar que a vida havia sido ceifada.

Legenda: Família de Amarildo pede justiça



Fonte: <https://l1nq.com/72Eqs>

Fora da ficção, o caso de Amarildo de Souza, 47 anos, ajudante de pedreiro, que desapareceu em 14 de julho após uma abordagem policial na Rocinha, suscitou discussão acerca da violência, tortura e ocultação de cadáver em operações das Unidades Pacificadoras. O inquérito policial indiciou 10 policiais militares da UPP por seu desaparecimento.

Na ficção de Geovani Martins, o episódio e a exposição midiática de todo o abuso, arbitrariedade e prepotência policial possibilitaram que a vida voltasse a pulsar dentro dos limites territoriais da Rocinha, revelando a potência e resistência da juventude negra que, junto com as batidas do baile funk da maior favela do país, pulsam vida, força e resistência para superar e transformar a realidade que assola esses sujeitos.

As luzes agora piscavam frenéticas, a fumaça das máquinas se misturava com a dos cigarros e baseados, o som do tambor digital atravessava aquelas centenas de corpos, e era a vida – sempre ela e nunca a morte – o que fazia aquele chão tremer (Martins, 2022, p.337).

E por estas vivências cotidianas, em meio às disputas de poder, de pertencimento e de condição social, que os sonhos, os desejos ou as expectativas parecem não ter espaço para se desenvolver, indicando alternativas subjetivas de opções de sobrevivência. Ainda, estes estereótipos da marginalização, somados às condições socioeconômicas e étnicoraciais reforçam a necessidade de sobrevivência individual e coletiva por diferentes meios, relegando necessidades mais subjetivas para o esquecimento.

Sempre fui sonhador, é isso que me mantém vivo, quando pivete, meu sonho era ser jogador de futebol, vai vendo, mas o sistema limita nossa vida de tal forma, que tive que fazer minha escolha: Sonhar ou sobreviver. Os anos se passaram e eu fui me esquivando do círculo vicioso, porém o capitalismo me obrigou a ser bem sucedido. Acredito que o sonho de todo pobre, é ser rico. Em busca do meu sonho de consumo procurei dar uma solução rápida e fácil pros meus problemas: O crime (Racionais MC's, A vida é Desafio).

Todavia, tal realidade implica a crença de que essas vivências não são experiências válidas ou forma de produção de conhecimento. A participação de Martins na FLUP ampliou seus horizontes e o fez perceber que pertencer a esse espaço, orgulhar-se disso e ver valor nas histórias que ocorriam em seu entorno era uma forma de ocupar esse espaço e possibilitar que essas realidades se tornassem conhecidas e reconhecidas como narrativas de valor, apontando novos personagens, novos territórios e outras maneiras de ser e existir na sociedade.

Portanto, Martins utiliza-se de suas experiências como morador de diferentes favelas do Rio de Janeiro e, principalmente, por habitar a Rocinha durante a implantação de Unidade Pacificadora em 2011, para construir sua narrativa, expondo as angústias e a violência que os moradores passaram durante esse período, tornando esse processo brutal conhecido dentro da literatura pelo olhar de dentro da comunidade.

Além disso, Martins dá voz a 5 personagens jovens periféricos de forma humana e verossímil dentro da literatura como sujeitos da narrativa, jovens com sonhos, medos, problemas cotidianos que todo sujeito periférico vivencia, e atribui a essa realidade importância e valor para ser objeto de estudo; objeto de um livro que circula em escolas, universidades e, principalmente, entre aqueles que constroem o cotidiano narrado, desconstruindo a literatura que marginaliza e assujeita personagens negros e constroem

o imaginário social limitando essas existências a espaços de subalternidade e objetificação, conforme assevera Nascimento:

Com poucas exceções, essa literatura é pensada e escrita por autores brancos que fazem parte do grupo social e econômico dominante. Por intelectuais que repetem e reproduzem seres estereotipados em suas narrativas, memórias ou ficção. Essa produção se faz transpondo o negro numa narrativa, e principalmente, na memória, assim como a relação dominante entre branco e negro (Nascimento, 2022, p.112).

Sob esta perspectiva, a importância de estudo de literatura periférica-marginal no âmbito escolar como forma de valorizar e de enriquecer os horizontes dos jovens discentes provoca, por meio da literatura, a escrita subjetiva de suas histórias e de suas vivências, oportunizando que a cultura, os saberes e a humanidade desses sujeitos tornem-se objetos de estudo e tenham tanto valor estético e cultural quanto as narrativas cristalizadas na sociedade.

Neste sentido, é preciso descolonizar o ensino de literatura dentro das escolas e, principalmente, dentro de centros de formação de professores, visto que o ensino de literatura tem sido historicamente moldado por perspectivas eurocêntricas e coloniais, que marginalizam vozes e experiências não hegemônicas. Isto, pois, tradicionalmente estabeleceu-se o cientificismo e o eurocentrismo como o conhecimento universal e como a maneira correta de ser e estar no mundo: “nesses mais de 500 anos de história colonial/moderna, os modelos advindos da Europa [...] são encarados como o ápice do desenvolvimento humano” (Torres, Costa, Grosfoguel, 2020, p.12).

Deste modo, a decolonialidade intende a independência e a libertação das amarras coloniais que restaram e restam, ainda, após a retirada das colônias exploratórias, que agredem e violentam tão intensamente um povo e uma história que suas marcas seguem enraizadas na lembrança e na constituição da sociedade que se segue, conforme explicita Torres (2020, p.28): “decolonialidade como um conceito oferece dois lembretes-chaves: primeiro, mantém-se a colonização e suas várias dimensões claras no horizonte de luta”, isto é, é importante não esquecer. É essencial que a história seja recontada e reformulada pelas mãos daqueles que sofreram as dores de terem suas vozes, vidas e existências nas mãos de um explorador. E mais do que isso, é preciso descolonizar a mentalidade de uma sociedade que foi massacrada e aculturada de formas sutis e simbólicas, pois o segundo

lembrete-chave é de que “a lógica e os legados do colonialismo podem continuar existindo mesmo depois do fim da colonização forma e da conquista da independência econômica e política” (TORRES, 2020, p. 28).

Isto posto, é preciso ainda explicitar o conceito de colonialismo para que se possa compreender de que modo a literatura pode se tornar uma ferramenta de emancipação na contemporaneidade. Deste modo, Torres (2020) argumenta que:

O colonialismo pode ser compreendido como a formação histórica dos territórios coloniais; o colonialismo moderno pode ser entendido como os modos específicos pelos quais os impérios ocidentais colonizaram a maior parte do mundo desde a “descoberta”; e colonialidade pode ser compreendida como uma lógica global de desumanização que é capaz de existir até mesmo na ausência de colônias formais (Torres, 2020, p. 35/36).

Dentro deste contexto, a decolonialidade emerge como uma forma de agenciamento contra a dialética implantada na subjetividade de sujeitos colonizados e a decolonialidade, tal como aqui é defendida na esteira de Torres (2020), refere-se à luta contra a lógica da colonialidade e seus efeitos materiais, epistêmicos e simbólicos.

Entretanto, apesar de o Brasil não ser colônia há muito tempo, pelo menos em relação ao processo de independência, ainda é árdua a tarefa de desvincularnos de narrativas coloniais e ideais impostos por essa violência e exploração. Torres relaciona o colonizado a uma espécie de condenação e argumenta que:

os condenados não podem assumir a posição de produtores de conhecimento, e a eles é dito que não possuem objetividade [...] A colonialidade do poder, ser e saber objetiva manter os condenados em seus lugares, fixos, como se eles estivessem no inferno (Torres, 2020 p. 44).

À vista disso, o ensino decolonial de literatura propõe uma crítica radical das estruturas dominantes de conhecimento e poder que moldam o cânone literário. Ele busca descentrar a perspectiva eurocêntrica, valorizando e ampliando o reconhecimento de vozes marginalizadas, indígenas, afrodescendentes, asiáticas e de outras origens não europeias. Isso implica em uma revisão profunda dos textos, autores e abordagens pedagógicas utilizadas nas salas de aula e “para que este horizonte se torne concreto é imprescindível ir descolonizando as fortes e longevas instituições educativas em todos os seus níveis, marcadas pelos princípios de homogeneidade e de autoridade” (Spyer, Leroy, Name, 2019, p.55).

Outrossim, o ensino decolonial de literatura na educação básica representa um movimento crucial rumo à democratização do conhecimento e à valorização das múltiplas identidades culturais. Em contraste com abordagens tradicionais que muitas vezes privilegiam um cânone eurocêntrico e marginalizam vozes não hegemônicas, a perspectiva decolonial busca subverter essas normas, promovendo uma educação mais inclusiva e crítica.

Além de diversificar os conteúdos, o ensino decolonial também estimula uma reflexão profunda sobre as relações de poder presentes na produção e na disseminação do conhecimento literário e, por esta razão, “uma das necessidades que emergem em todo o processo é a urgência da descolonização dos currículos” (Costa; Torres; Grosfoguel, 2020, p.18). Desta maneira, o ensino de literatura decolonial convida os estudantes a questionarem quem são os produtores de conhecimento, quais são seus interesses e como essas dinâmicas influenciam a forma como enxergamos e atuamos no mundo. Essa perspectiva crítica não apenas fortalece a capacidade dos alunos de analisar textos literários, mas também os capacita a se engajar de maneira mais informada e participativa na sociedade.

À vista disso, estudar e ler a obra de Geovani Martins dentro de escolas e centros acadêmicos oportuniza que essa juventude se aproxime de bens culturais como literatura e se vejam como protagonistas dessas histórias, como produtores de conhecimentos e narrativas de valor. Deste modo, trabalhar literaturas dissidentes na escola amplia os horizontes de alunos para além das centralidades sociais e fomenta o interesse pela leitura e escrita por meio da apreensão do real e da identificação com os personagens, as histórias contadas e o modo em que a narrativa se organiza, valorizando a linguagem utilizada dentro de espaços marginalizados. Portanto, na apreensão de obras decoloniais, há possibilidade de formação crítica e social dos estudantes, oportunizando que esses jovens se compreendam enquanto sujeitos dessa sociedade em que fazem parte, pois, para tornar-se sujeito, não basta “ter o status de sujeito”, mas sim, “participar em suas sociedades” (Kilomba, 2019, p.74)

Apesar dessas dificuldades do ensino de literatura na contemporaneidade, é importante restaurar a importância do ensino de literatura dentro da sala de aula, não apenas como apreciação estética, mas também com seu papel, fundamental, na formação e na

humanização da sociedade, pois “a literatura serve tanto para ensinar a ler e a escrever quanto para formar culturalmente o indivíduo” (Cosson, p.20, 2006). Neste sentido, o ensino de literatura vai além do ensino formalista de gramática e uso da linguagem e para muito além da opinião acrítica acerca de uma obra literária, tendo como pontapé para a discussão apenas a apreciação da narrativa e o gosto pessoal. O ensino de literatura é provocador. Apresenta novos horizontes e novas realidades para o leitor e instiga o senso crítico e a reflexão. Além disso, produz indivíduos mais autônomos e humanos, pois compreendem, por meio da literatura, mundos diversos e diversas vivências.

Neste sentido, a predicação e o estudo de literaturas diversas, mas, principalmente, as literaturas periféricas-marginais são potenciadoras de uma formação mais humanitária e crítica para esse alunado. Assim, a leitura e o estudo da narrativa de Geovani Martins possibilitam a identificação e o reconhecimento de si dentro da literatura, estimulando o contato e a formação leitora desses jovens.

A vida periférica desses autores [...], junto a outros fatores, parece despertar a identificação dos alunos de periferia. Muitas vezes imersos em um cotidiano próximo do descrito nas obras, com empregos parecidos pelos executados anteriormente pelos autores, com um linguajar repleto de gírias e códigos que também estão presentes ao longo das narrativas e poemas dessa vertente literária, esse jovem aluno de escola pública de periferia passa a perceber, a partir das leituras literárias experimentadas em sala de aula, uma representatividade social até então não vista nas demais obras canônicas. Não só isso; esse mesmo aluno percebe que, para além das drogas e da violência como fuga ou vazão da opressão a que constantemente é submetido, a expressão artístico-literária de seus medos, anseios e angústias é uma alternativa possível e com a leitura dessas obras sente-se lido pelo outro. Ele não está mais só: existe um grupo de pessoas que fez e faz dessa mesma opressão material literário, de denúncia, de registro, cultura. Ou seja, ele passa a vislumbrar outros caminhos, outras possibilidades (Soares, 2008, p.49-50).

Outrossim, além de seu caráter formador, a literatura é base formadora do caráter individual dos sujeitos de uma sociedade e faz parte de uma necessidade inerente a todo o ser humano: a fabulação. Antonio Candido, em seu texto *O direto à literatura* (2011) preconiza que a humanidade tem em si a necessidade inerente à fabulação como uma forma de manifestação pessoal de suas personalidades, suas experiências e também como uma maneira de se libertar e apreciar arte em todas as suas formas. Neste sentido, a literatura é “fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente” (Cândido, p.177. 2011). Sob essa perspectiva, a literatura dentro e fora da sala de aula configura-se como um direito inalienável de todo o ser humano, uma vez que

ela possibilidade uma formação humanizadora e civilizatória possibilitando que olhares, perspectivas e experiências sejam vividos e compreendidos mesmo sem a necessidade de experienciar por si só, ampliando a capacidade de sentir, enxergar e compreender o mundo por meio de diferentes olhares em razão de que “a literatura confirma e nega, propõe e denúncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (Candido, p. 177, 2011).

Neste sentido, a literatura é um artifício de transformação, de incomodo e de rompimento, pois desenvolve nos estudantes senso crítico, autonomia e rebeldia, tornando-os também contestadores, indagadores e descontentes com injustiças e com a barbárie: “por isso, nas mãos do leitor o livro pode ser fator de perturbação e de risco” (Candido, p.178, 2011). Desta maneira, a literatura dentro da sala de aula precisa abarcar mais que a leitura e interpretações fechadas que desconsideram a subjetividades de seus estudantes, direcionando o estudo a elementos formais. O letramento literário, isto é, “uma experiência de dar sentido ao mundo por meio de palavras que falam de palavras, transcendendo os limites de tempo e espaço” (Souza e Cosson, 2011, p.103), precisa de espaço dentro da escola para sua ocorrência, pois o aluno precisa ser ensinado a perceber as entrelinhas, a analisar a profundidade de um texto e os possíveis sentidos que podem surgir de sua leitura.

Além disso, é no compartilhamento de ideias e de compreensões que os sentidos vão surgindo e se aprofundando, somando novas perspectivas e olhares para a literatura e para a realidade. Neste sentido, a importância de estudo de literatura no âmbito escolar como forma de valorizar e de enriquecer os horizontes dos jovens discentes, provoca a escrita subjetiva de suas histórias e de suas vivências, oportunizando que a cultura, os saberes e a humanidade desses sujeitos tornem-se objetos de estudo e tenham tanto valor estético e cultural quanto as narrativas cristalizadas na sociedade. Assim, “o letramento literário precisa da escola para se concretizar, isto é, ele demanda um processo educativo específico que a mera prática de leitura de textos literários não consegue sozinha efetivar” (Souza e Cosson, 2011, p.102).

Logo, conclui-se que, apesar de todas as dificuldades enfrentadas para o ensino de literatura na educação básica e os baixos índices de leitores no Brasil, é preciso resistir, é preciso insistir e proporcionar aos estudantes a possibilidade de construir uma trajetória leitora, aguçar suas interpretações de mundo e tornar-se capaz de agir e agenciar suas

experiências de forma crítica, emancipatória e responsiva, possibilitando-os capacitação para serem sujeitos atuantes na sociedade em que fazem parte e que construirão.

Considerações finais

O estudo da obra *Via Ápia* sob a perspectiva do conceito de escrevivência emerge reflexões profundas sobre dinâmicas sociais, culturais e identitárias presentes em espaços à margem da centralidade da sociedade. Além disso, o estudo da literatura periférica-marginal evidencia a importância de compreendermos a multiplicidade de vozes e experiências que compõem nossa sociedade, além de reconstruir o imaginário social sobre a presença e a realidade de vida de sujeitos marginalizados. Deste modo, a literatura-marginal surge como uma determinação relevante para ampliar o horizonte de alunos da educação básica, bem como promover a leitura por entretenimento e identificação, isto é, uma leitura de prazer ou mesmo para provocar estranhamento e desconforto, a leitura para fruição.

Texto de prazer: aquele que contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável de leitura. Texto de fruição: aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até com um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem. (Barthes, 1993, p.21)

A hipótese inicialmente levantada foi confirmada ao longo deste estudo: a escrita periférica-marginal é intrinsecamente conectada às vivências marcadas pela violência, ausências e marginalização, contudo, carrega consigo narrativas de esperança e agenciamento. Estas narrativas representam um confronto necessário às estruturas coloniais dominantes, promovendo reafirmação e reconhecimento das identidades pós-coloniais.

Nesse contexto, torna-se evidente o papel crucial da literatura periférica-marginal no contexto educacional. Valorizar e incorporar essas narrativas nos currículos escolares não apenas enriquece o repertório dos estudantes, mas também os incentiva a explorar e a expressar suas próprias histórias e vivências de forma subjetiva. A literatura torna-se assim uma ferramenta poderosa para a ampliação de horizontes e para o fortalecimento da autoestima e identidade de jovens em comunidades marginalizadas.

Os objetivos delineados para este estudo foram plenamente alcançados. Ao situar a obra de Geovani Martins dentro da perspectiva da escrivência, evidencia-se a relevância do fio condutor racializado e marginalizado presente tanto no autor quanto na narrativa. Além disso, ressaltou-se a importância social do estudo e apreciação de narrativas dissidentes, contribuindo para a ampliação do cânone literário e para uma compreensão mais profunda da complexidade social que vivemos.

Por fim, a investigação sobre como *Via Ápia* retrata o cotidiano das comunidades marginalizadas permitiu análise das questões sociais, políticas e econômicas abordadas na obra, assim como da representação das identidades culturais e experiências de vida dessas comunidades. Esta análise reforça a necessidade contínua de dar voz e visibilidade aos grupos marginalizados, construindo pontes de entendimento e de solidariedade em nossa sociedade.

Assim, conclui-se que o estudo da literatura periférica-marginal não apenas enriquece o campo dos estudos literários, mas também promove uma reflexão profunda sobre as dinâmicas sociais e culturais que moldam nossas comunidades.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. O prazer do texto. São Paulo: Perspectiva, 1993.

BOTTON, André Natã Mello. Dos Becos e vielas ao paracampo: uma história da literatura marginal das periferias. 2023. Tese (Doutorado) - Programa de pós-graduação em Letras, PUCRS.

CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: Vários Escritos. Rio de Janeiro, 2011.

CASTRO, Mariana Barbosa Carvalho da. A Rocinha em construção: a história social de uma favela na primeira metade do século XX. Tese (doutorado) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2019.

COELHO, Rogerio Mendes. PEDAGOGIAS DA CIMARRONAJE: a contribuição das cosmogonias e cosmovisões africanas e afrodescendentes para a crítica literária e literaturas (afro-) latino-americanas, Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2019.

COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

COSTA, Joaze B; TORRES, Nelson M; GROSGOUEL, Ramón. Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. 2. ed; 3, reimp - Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

CRUZ, Alessandra Silveira da; Siciliano, Tatiana Oliveira. A Rocinha e a Cidade: Território, Memória e Visibilidade em Disputa. Dissertação de Mestrado – Departamento de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2021.

DALCASTAGNÈ, Regina (org.).Vozes nas sombras: representação e legitimidade na narrativa contemporânea. In: Ver e imaginar o outro – alteridade, desigualdade, violência na literatura brasileira contemporânea. Vinhedo (SP): Horizonte, 2008.

ÉPOCA. Geovani Martins: como a favela me fez escritor. As cores, os sons, os dribles de corpo, as diferentes linguagens e até o sol que queima de um jeito diferente me transformaram num autor. 06 mar. 2018. São Paulo. Disponível em: <https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2018/03/geovani-martins-como-favela-me-fez-escritor.html>. Acesso em: 03 mai. 2024.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes ; ilustrações Goya Lopes. -- 1. Ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FÉRREZ. Literatura Marginal: talentos da escrita periférica/ Férrez (Organizador) - Rio de Janeiro: Agir, 2005.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. In: Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. -- 1. Ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. 1.ed - Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NASCIMENTO, Beatriz. Uma história escrita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos; organização Alex Rayys – 1º ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, Beatriz. O negro visto por ele mesmo. Organização: Alex Ratts. São Paulo. Ubu Editora. 2022.

NASCIMENTO, Érica Peçanha. “Literatura marginal”: os escritores da periferia entram em cena. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

MARTINS, Geovani. Via Ápia -1º ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

SILVA, Celso Sisto. Do griô ao vovô: o contador de histórias tradicional africano e suas representações na literatura infantil. Nau Literária: crítica e teoria de literaturas. Porto Alegre. Vol 09, n.01, 2013.

SOARES, Mei Hua. A literatura marginal-periférica na escola. Dissertação (Mestrado– Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Linguagem e Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2008

SOUZA, Renata Junqueira; COSSON, Rildo. Letramento literário: uma proposta para a sala de aula. Caderno de Formação: formação de professores, didática de conteúdos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, v. 2.

SPYER, Tereza; LEROY, Henrique; NAME, Leo. Zulma Palermo: a opção decolonial como um não-lugar de pensamento. Tradução de Bruna Macedo de Oliveira PPG-LETRA / USP, Ciclo Comum de Estudos / UNILA In: a Epistemologias do Sul, v. 3 n. 2, p. 44-56, 2019.

TORRES, Nelson Maldonado. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico. 2. ed; 3, reimp - Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

RACIONAIS MC'S, A vida é desafio. Nada como um Dia após o Outro Dia. 1000 Trutas, 1000 Tretas.2002.